

Doc. sobre Cacá Diegues é lançado em Cannes

PÁGINA 3



Spike Lee volta à Croisette com novo longa

PÁGINA 5



Museu retoma Ateliê de Restauro aberto ao público

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# 'Ter ego trip depois dos 40 anos já é defeito de caráter'

Em livro de memórias, Luiz Schwarcz atribui seu sucesso como editor a acaso e amigos



Divulgação

Por Walter Porto (Folhapress)

**A**o ser lembrado de uma reunião recente que teve com Lula para cobrar mais compras de livros para escolas públicas, um episódio contado em público pelo presidente na abertura da Bienal do Livro de São Paulo, Luiz Schwarcz fica sem graça. "Não gosto de falar que eu protagonizei isso ou aquilo." Não é a única vez.

Durante a hora e meia em que recebeu a reportagem na sua casa, ele se retrai algumas vezes quando nota que a conversa envereda por um caminho que pode culminar em autoelogio. "Fico sem jeito de falar isso", repete.

O comportamento é curioso por um punhado de razões. Primeiro, ele está na liderança da maior editora do país, a Companhia das Letras, que fundou em 1986 ao lado da esposa, Lilia, e detém 11% de todo o mercado

brasileiro de livros. Segundo, está lançando um livro sobre sua carreira, chamado "O Primeiro Leitor". Só que a maneira como a obra é pensada rima com a postura do autor. O livro se alterna entre os capítulos ímpares, com preleções recatadas sobre a tarefa de editor, e os pares, dedicados a pessoas fundamentais de sua vida.

Assim, há lições sobre como começar e terminar bem um livro, quando contratar ou se des-

quitar de escritores e qual deve ser a conduta de um editor em relação a seu autor - intercaladas com causos saborosos de alguns dos nomes mais célebres da literatura. Jô Soares rouba o telefone de sua mão para passar um trote em Ciro Gomes - que não acha a menor graça. Susan Sontag desembarca no aeroporto e, em menos de cinco minutos, inquire quem publicava no Brasil sua arquirrival Camille Paglia - era o próprio Schwarcz.

E na maior montanha-russa sentimental do livro, seu ídolo Rubem Fonseca aceita entregar sua obra para a nascente Companhia das Letras e se torna seu confidente e consultor, até um rompimento brusco e pouco explicado. "Oficialmente, dissemos que a decisão fora tomada de comum acordo. Foi dos momentos mais tristes da minha vida, mas tinha certeza de ter agido de maneira correta."

**Continua na página seguinte**

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Othon Bastos e apresentadora Simone Zuccolotto

## Othon Bastos repassa sua brilhante carreira no Cinejornal

O Canal Brasil exibe nesta segunda (19), às 19h30, entrevista inédita de Othon Bastos no Cinejornal, apresentado por Simone Zuccolotto. Aos 91 anos, o ator retorna aos palcos com o monólogo “Não Me Entrego, Não!”, inspirada na icônica frase de Corisco, personagem vivido por ele em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”.

### Atraso no teatro

Antonio Fagundes está sendo processados por um casal que chegou atrasado e foi proibido de entrar numa sessão da peça “Dois de Nós”, estrelada por eles em São Paulo. O casal alega que chegou “alguns segundos” atrasado.

### Esperançoso

Em passagem por Cannes, Bono falou sobre o momento de incertezas pelo qual passa a igreja católica. Diz estar esperançoso com o novo papa, que terá muitos problemas para enfrentar. “Nós nunca precisamos tanto da igreja como agora”.

No programa, Othon destaca que a peça é uma celebração de momentos marcantes de sua vida e carreira. O Cinejornal revisita papéis históricos do ator em obras como “São Bernardo” e “Os Deuses e os Mortos”, além de abordar os desafios de atuar durante a ditadura militar, período em que a arte estava sob forte repressão.

### Atraso no teatro II

“Há 50 anos começo meus espetáculos rigorosamente no horário marcado em respeito à quase totalidade da plateia que chegou ao teatro com a devida antecedência no intuito de estar em seu lugar assim que a cortina se abre”, disse o ator em nota.

### Refúgio

Um mês após participar do BBB 25 e chegar entre os cinco finalistas, Diego Hypólito está de volta ao trabalho no circo. Diego reconheceu que, em momentos difíceis - como os de ansiedade e de depressão-, o circo foi um importante refúgio.

*‘O fantástico tino de um editor, em muitos casos, é bem menos fantástico do que a loteria dos encontros que a literatura propicia’*

Mathilde Missioneiro/Folhapress



**O editor Luiz Schwarcz evita se autovangloriar: ‘Não gosto de falar que eu protagonizei isso ou aquilo’**

pidez, o que gerou maledicências que parecem incomodar até hoje. Duas vezes na autobiografia ele se ressentido de comentários que o acusavam de ser “melhor divulgador que editor”, por profissionais que ele chama de “adeptos da ideologia do fracasso”. “Havia editores icônicos que achavam que o fracasso comercial era o que lhes cabia. Era o preconceito de uma elite cultural que entendia que o livro que atingia um largo público não deveria ser bom.”

Atingir um público amplo era seu alvo desde o início. Sob a batuta de Caio Graco na Brasiliense, criou coleções como a Primeiros Passos,

**A** relação com autores é sempre um equilíbrio delicado, conforme frisa o fundador da Companhia das Letras, devendo ser pautada pela “entrega ilimitada” e “a obrigação de se tornar invisível”. Uma editora, segundo ele, deve ser menos “o reino da intuição genial” que do profissionalismo. Já no início, Luiz Schwarcz diz julgar desrespeitoso “contar mais vantagem do que dar crédito a terceiros ou mesmo à sorte”. “O fantástico tino de um editor, em muitos casos, é bem menos fantástico do que a loteria dos encontros que a literatura propicia.”

É uma postura que surpreende também quem conheceu um Luiz Schwarcz de ego aflorado nos anos 1980, turbinado pelo êxito ascendente como editor, primeiro na Brasiliense de Caio Graco Prado e depois na Companhia. Nesse começo de carreira, escreve, ele se tornou “um ser detestável” especialmente para sua família, pecando na generosidade e pesando a mão no paternalismo. Hoje, afiado na arte da autocrítica, atribui aquele momento egoico a “um desvio por causa do sucesso” em uma “época de desbunde”.

“Costumo brincar que ter ‘ego trip’ depois dos 40 anos já é defeito de caráter. Entrei nisso como a maioria das pessoas, mas o importante é quanto tempo você demora para sair”, diz.

O editor de 68 anos, que entrava na casa dos 30 quando fundou a Companhia das Letras, conseguiu pautar público e imprensa com ra-

que convidava grandes pensadores a introduzir conceitos para uma juventude embalada pelo ímpeto de mudar a cultura e o país, à beira da redemocratização.

A lógica seguiu, depois, pelo maior investimento da Companhia em gêneros populares como o romance de entretenimento e a literatura “young adult”, uma estratégia que incluiu o lançamento do selo Paralela e a compra da JBC, especializada em mangás. Ao ser questionado sobre áreas em que a Companhia pode melhorar, ele cita a autoajuda.

“Uma das coisas que me interessavam aprender com a Penguin [hoje Penguin Random House] era como fazer um tipo de livro comercial que não era nossa expertise. Você tem que manter o padrão de qualidade, mas para outro tipo de leitor”, diz, se referindo ao grupo que comprou o controle majoritário da Companhia há sete anos.

Instado a responder sobre aposentadoria, Schwarcz diz que “tem obrigação” de pensar nisso, até por ter sócios. Mas diz que antes do “pós-Luiz”, haverá um outro Luiz. “Em alguns anos não quero mais ser CEO da empresa, mas gostaria de continuar plenamente na minha atividade editorial. Pode ser que primeiro passe a ser diretor editorial, chefe do board. E em outro momento escolher os livros que quero editar. Não quero fazer isso muito velho, para não ter pouco fôlego num momento em que vou estar desfrutando mais, fazendo só aquilo de que realmente entendo e gosto.”

# Inventário de uma saudade



O produtor Diogo Dahl passa em revista os feitos do Cinema Novo ao exibir em Cannes .doc sobre Cacá Diegues, que completaria 85 anos nesta segunda

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**A**o cantar parabéns para o diretor e imortal da ABL Cacá Diegues (1940-2025) - que comemora seus 85 anos nesta segunda - em meio à projeção de "Para Vigo Me Voy!" no Festival de Cannes, o produtor Diogo Dahl vai celebrar, de lambuja, o legado de seus dois pais, ambos cineastas e pensadores da identidade brasileira: Gustavo Dahl (1938-2011) e Nelson Pereira dos Santos (1928-2018).

Gustavo, realizador do cult "O Bravo Guerreiro", de 1968, fez história sobretudo na gestão e na política cultural, ao entrelaçar sua trajetória criativa com a do cinema nacional moderno, forjando um projeto para retirar o audiovisual brasileiro da condição colonial, e evitar qualquer subalternidade à



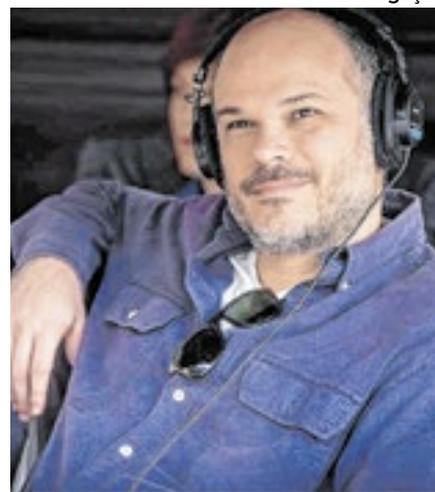
**Cacá Diegues em depoimento resgatado pelo documentário 'Para Vigo Me Voy', produzido por Diogo Dahl**

Europa e a Hollywood.

Essa tal modernidade foi Nelson quem fundou, com "Rio 40 Graus", em 1955, reafirmando seus códigos em tudo o que rodou e lançou até "À Luz Do Tom", em 2013, com direito a marcos estéticos como "Vidas Secas", um dos filés da edição de 1964 de Cannes. Foi um integrante com status de mentor para o Cinema Novo, movimento de vanguarda de prestígio mundial, que, nesta tarde, será louvado na tela da Croisette.

"Cacá está lá junto com Nelson, Glauber Rocha Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman... Ele está entre os maiores", diz Diogo, ao Correio da Manhã, às vésperas de levar "Para Vigo Me Voy!" ao Palais des Festivals, ao lado da dupla de cineastas que moldou o longa, pautados por saudades de Diegues: Karen Harley e Lírio Ferreira.

Filho da atriz-diretora Ana Maria Magalhães, Diogo Dahl correu



Divulgação

**Diogo Dahl: 'Os grandes momentos da nossa cultura, que eu busco resgatar, só tiveram a força e o alcance que tiveram porque foram construídos coletivamente. Isso vale pro cinema, mas também para a música, a literatura, as artes visuais'**

para finalizar o .doc logo após a morte de Cacá, que partiu em fevereiro, deixando um longa inédito, "Deus Ainda É Brasileiro", em fase de finalização. Estruturado poeticamente para ir além da dimensão verbete de Wikipedia típico dos relatos biográficos, "Para Vigo Me Voy!" foi produzido numa conjugação entre Coqueirão Pictures, Globo Filmes, GloboNews, Sinédo-

que, Dualto Produções e Raccord Produções.

Em suas entrevistas, consideradas os derradeiros desabafo do diretor de "Xica da Silva" (visto por 3,1 milhões de pagantes em 1976), o artesão autoral alagoano falou sobre seus filmes, suas angústias políticas, brasilidade e vida. As falas dele se misturam com trechos de seus longas, embalados por tri-

lhas sonoras, compostas por Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Cacá amalgamou-se com eles ao largo de toda a sua obra.

Em 1964, quando leva seu longa de estreia, "Ganga Zumba", à Semana da Crítica de Cannes, Cacá se articula com o núcleo de artistas do Cinema Novo a fim de deflagrar uma revolução formal nas representações da América Latina nas telas do mundo. À época, Glauber estava lá, brigado pela Palma de Ouro com "Deus e o Diabo na Terra do Sol", ao mesmo tempo que Nelson exibia "Vidas Secas" à Croisette.

"Tem muita influência de Nelson no começo da carreira de Cacá. De certa maneira, seu filme 'A Grande Cidade' é um descendente de 'Rio 40 Graus'", diz Diogo, que foi um dos produtores de "Cinema Novo", de Eryk Rocha, .doc ganhador do troféu L'Oeil d'Or (a Palma da não ficção) em Cannes, em 2016.

Nele, Cacá também batia ponto, num jorro de cenas ressignificadas sob uma base poética, mas de tom memorialista. Espera-se algo nessa toada, de Karen e Lírio, na sessão de "Para Vigo Me Voy!".

"Os grandes momentos da nossa cultura, que eu busco resgatar, só tiveram a força e o alcance que tiveram porque foram construídos coletivamente. Isso vale pro cinema, mas também para a música, a literatura, as artes visuais", disse Dahl.

Até dezembro, ele põe "Para Vigo Me Voy!" para circular, assim como uma leva de outros projetos:

"A gente está vivendo um momento muito legal. Foram cinco filmes lançados em um ano. Há seis meses, lançamos 'O Menino d'Olho d'Água' no (festival holandês) IDFA, enquanto '3 Obás de Xangô', recebia os prêmios de melhor .doc no Festival de Rio, Mostra de São Paulo e Tiradentes. Agora temos 'Para Vigo Me Voy!' em Cannes. Para frente, temos um longa de ficção pra rodar em breve".

Cannes segue até o dia 24, quando o júri presidido pela atriz Juliette Binoche anuncia os premiados, com destaque para a produção a ser agraciada com a Palma de Ouro. O Brasil está no páreo com "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**reparado para receber pedradas (ou montes de areia) ao fim da projeção do doc “Bardot” (sobre a diva de “E Deus Criou a Mulher”) em sua seção Cinema A La Plage, o 78º Festival de Cannes abre, como pode, os debates feministas em sua grade, a contar com o apoio do mercado livreiro local, que joga luz sobre um pilar das lutas antimachistas em tela grande: a diretora belga Agnès Varda (1928-2019).

Embora não haja nada de sua filmografia em curso nas telas do Palais des Festivals, o livro “Viva Varda!” mobiliza a loja Fnac do balneário e revistarias da vizinhança. Esse tijolo de 224 páginas, editado por Florence Tissot e publicado pela Martiniere BL, acompanha a primeira exposição retrospectiva da realizadora de “La Pointe Courte” (1955), organizada pela Cinematheca Francesa.

O volume reúne ensaios de especialistas e uma filmografia comentada. O prefácio de Costa-Gavras. O miolo é ilustrado com mais de 300 documentos (arquivos, fotogramas de filmes, fotografias), muitos deles inéditos, extraídos dos arquivos pessoais de Agnès, mantidos pela Ciné-Tamaris, a empresa familiar que ela fundou. A administração da produtora é feita por sua filha, a figurinista Rosalie Varda, e o filho, o ator e diretor Matthieu Demy.

Recentes revisões históricas sugerem que “La Pointe Courte”, um drama amoroso, seja o pavimento inicial da Nouvelle Vague, o movimento responsável por modernizar (não só tecnicamente como também na reflexão filosófica) a criação do discurso audiovisual, no fim dos anos 1950.

Em sua trama, um casal em crise retorna ao pequeno vilarejo do título, no qual Lui, o marido (Philippe Noiret), viveu sua infância. Regressar ao berço pode ser um meio de reaver o carinho de sua parceira, Elle (Silvia Monfort). No local, os dois vivem momentos de reflexão sobre seu relacionamento, ao mes-



‘Cléo das 5 às 7’ (1962) pode ser visto no streaming pelo Reserva Imovision

# Eternamente Varda

Gerhard Kassner/Berlinale



A Croisette percorre ao legado da diretora de ‘Cleo das 5 às 7’, considerada um pilar do feminismo, para debater a luta das mulheres por equidade profissional na arte

mo tempo em que o cotidiano dos moradores flui ao seu redor. É uma cartografia de vivências feita sob uma ótica que o cinema desconhecia até então. Ali, o vulcão Varda entrou em erupção, gerando joias



A realizadora Agnès Varda dirigiu 60 produções

como “O Amor dos Leões” (1969).

Neste momento em a falta de equidade salarial entre gêneros, oriunda do sexismo, torna-se uma das pautas centrais do cinema, dentro e fora das telas, Agnès segue

eterna, como um farol para iluminar novas estratégias de afirmação das potências femininas. Cada parágrafo de “Viva Varda!” revolve tal discussão, amplifica aqui após a projeção do filme de abertura do

Divulgação

festival, “Partir Un Jour”, de Amélie Bonnin, que discute o direito que uma mulher tem sobre seu próprio ventre.

Varda saiu de cena há seis anos, após uma batalha contra um câncer no seio. Morreu um mês depois de lançar seu último longa, o ensaio documental “Varda por Agnès” (2019) no Festival de Berlim, numa cerimônia onde conquistou o troféu honorário Berlinale Camera pelo conjunto de sua obra. Esse canto de cisne dela pode ser visto no streaming Reserva Imovision, assim como “Cléo das 5 às 7” (1962), a ficção mais famosa de sua prolífica obra de 60 títulos.

“Parecia uma maluquice uma garota que nem tinha visto tantos filmes assim se propor a abrir um debate estético numa França onde as vozes masculinas eram preponderantes nos sets, só que eu tinha a ingenuidade e a bravura para fazê-lo”, disse Agnès na Berlinale.

A artista visual morreu aos 90 anos, lutando de modo sereno contra seu tumor, sem abrir mão do trabalho. Pioneira da modernização política e narrativa da produção audiovisual, a diretora de “As duas Faces da Felicidade” (Prêmio Especial do Júri no Festival de Berlim de 1965) e “Os Renegados” (Leão de Ouro em Veneza, em 1985). Nasceu Arlette Varda, mas mudou legalmente seu nome aos 18 anos. Ela tinha em seu currículo um Oscar honorário e uma Palma de Ouro de Honra ao Mérito. Ganhou notoriedade numa época revolucionária, na qual ela foi casada com o mestre europeu dos musicais Jacques Demy (1931-1990), realizador de “Os Guarda-Chuvas Do Amor” (Palma de Ouro de 1964). Viveu com ele de 1962 até a morte do diretor.

“Minha mãe passou os últimos 15 anos dedicada às artes visuais, explorando um formato de instalação em vídeo. Pouca gente conhece a fundo o que ela fez nesse período. Assim como poucos jovens de hoje conhecem os filmes que Demy rodou. O legado deles precisa seguir adiante e ser prestigiado pelas novas gerações”, disse Rosalie ao Correio da Manhã em recente entrevista em Paris.

# Spike Lee sempre faz a coisa certa

Aos 68 anos, o maior ícone da luta antirracista entre os diretores autorais em ação nas telas lança na Croisette o thriller 'Highest 2 Lowest'



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

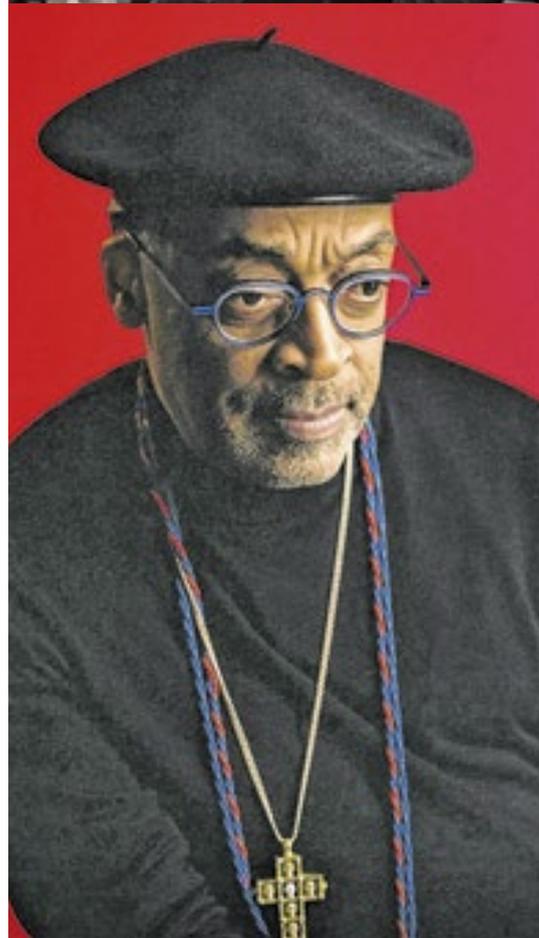
**C**otado para o Oscar sem sequer ter sido exibido, o thriller "Highest 2 Lowest" marca a volta de Spike Lee a Cannes, três anos depois de sua passagem como presidente do júri do maior festival de cinema de todo o planisfério audiovisual. A projeção é hors-concours, mas a procura do público pela produção supera a demanda por qualquer dos títulos já exibidos em concurso desde a abertura do evento, terça passada.

Foi Cannes quem jogou luzes sobre "Faça A Coisa Certa" (1989), o longa que pavimentou o prestígio

do realizador de 68 anos, além do recente "Infiltrado na Klan", que deixou a Côte d'Azur, em 2018, levando o Grand Prix cannoise. Seu novo exercício narrativo se ambienta em Nova York e tem como base o cult "Céu e Inferno" (1963), de Akira Kurosawa (1910-1998).

A releitura de Spike assume como seu protagonista o magnata da música David King (Denzel Washington). Ele recebe um pedido de resgate depois que um dos membros de sua família é sequestrado e se vê diante de um dilema moral de vida ou morte. A vida dessa família rica e de seu motorista está prestes a ser virada de cabeça para baixo. Jeffrey Wight e A\$ap Rocky integram o elenco.

"Estou ficando velho, não sou mais um garoto, mas ainda percebo que, quando falamos em racismo, as coisas ruins de antes ainda estão por aí", disse Spike ao Correio da Manhã, em sua passagem por Cannes com "Infiltrado Na Klan",



**O astro Denzel Washington protagoniza o thriller 'Highest 2 Lowest'. O novo longa de Spike Lee já é cotado para o Oscar antes mesmo de sua estreia**

**Spike Lee: 'Tudo o que eu quero é fazer a América despertar. O doido (o presidente Trump) está por aí e precisamos abrir os olhos'**

que lhe rendeu o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado. "Tudo o que eu quero é fazer a América despertar. O doido (o presidente Trump) está por aí e precisamos abrir os olhos".

Reclamar da idade virou uma constante nas recentes declarações do cineasta que fez da militância racial uma bandeira estética desde sua estreia na direção, em 1979 – data de seu primeiro curta-metragem, "Last hustle in Brooklyn".

Quando presidiu o time de jurados de Cannes, em 2021 (tendo Kleber Mendonça Filho a seu lado), o diretor de "Febre da Selva" (1991) não poupou críticas a Jair Bolsonaro (então presidente do Brasil) ao chamá-lo de gangster, publicamente.

"A bagunça permanece na América", diz Spike, que amplifica sua histórica parceria com Denzel, vinda lá de "Mais e Melhores Blues" (1990). "É sempre bom ter a família por perto".

## Ofensiva **queer** chilena

Longe da disputa pela Palma de Ouro, na vitrine (também competitiva) da mostra Un Certain Regard, o contagiante drama de CEP chileno "La Misteriosa Mirada Del Flamenco", de Diego Céspedes, virou "O" acontecimento de Cannes em 2025. Filas gigantes se formaram nas projeções dessa reconstituição histórica da vida no

norte do Chile no início dos anos 1980, numa área de mineração na qual um cabaré de mulheres trans e travestis enfrenta o boom da Aids.

Tudo é visto pelos olhos de uma menina, Lidia (Tamara Cortes), tratada como filha pela performer Flamenco (Matías Catalán), alvo de transfobia. Na trama, o contágio do HIV é tratado com misticismo,

numa crença de que a "peste" se espalha pela troca de olhares. "Houve uma mudança de comportamento das pessoas em relação à comunidade LGBTQIAPN+, mas também um retrocesso no último ano" disse Céspedes. "O Chile não é indiferente ao que se está a passar no mundo. A nova onda da ultradireita também nos tem afetado". (R.F.)



**'La Misteriosa Mirada Del Flamenco', de Diego Céspedes, virou acontecimento de Cannes em 2025. Filas gigantes se formam nas salas onde o longa chileno é exibido**

## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES  
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

### Combate identitário (I)

**E**spelho. Diante de sua superfície, identifico-me: meu rosto assegura a mim que “eu sou eu”, não outro. Assim, repousado sobre si mesmo, o olhar tem a mais absoluta verdade de que meu rosto é meu nome, estando essa relação, portanto, estável, fixa, segura, e a fiscalização do Detran me para. O policial pede a identidade. Compara rosto e foto. Sem contratempo, o guardião da ordem diz que posso seguir a viagem: “tudo está normal”. A identidade, porque garante organização, permite a a vida seguir normalmente.

Entretanto, porquanto meu rosto não permanece o mesmo, a foto da carteira de identidade, entre 12 e 60 anos, precisa ser trocada a cada 10 anos, posto que, caso não seja trocada, serei identificado como outro. Isso se impõe como lei porque o rosto é “natureza”, ou seja, tradução do grego “phýsis”, natureza significa “movimento vital”. O rosto é movimento. A identidade fixa, é estável; a identidade, porém, não passa de um corte nominal na superfície, superfície essa com seus graus de velocidade. A identidade, portanto, um engano proporcionado pelo olhar, pela aparência.

O primeiro ocidental a pensar a identidade foi Parmênides, ele quem pensa “o ser”, ele quem pensa “o-que-é”, mas pensa o ser fora do movimento, mesmo porque no movimento não é possível o ser. Então, a filosofia de Platão, em seus últimos 40 anos, pensa o ser “entre” repouso-

-e-movimento, deixando tal beleza de pensamento nas linhas de “O Sofista”. A luta identitária, contudo, oposta a “O Sofista”, afirma-se com os seguintes termos: “eu sou e o outro não é”, quer dizer, porque existe algo fora do ser, “ele não é o que sou”. O outro, minha oposição.

A luta identitária afirma, portanto, “ser e não-ser”. Heráclito afirma essa oposição. Hegel também. Em seus últimos 40 anos, Platão a supera, porque, em “O Sofista”, em sua sétima síntese, “o-não-ser-é-o-ser”, não havendo dualismo, não havendo oposição. Ver tamanha beleza de pensamento, no entanto, não depende dos olhos, e sim de uma filosofia que, pensando para além da aparência, movimentava-se “entre” repouso-e-movimento ou “entre” Parmênides-e-Heráclito, filosofia essa que nos liberta dos extremos.

A luta identitária não leu esse profundo Platão, mas Proudhon-Bergson-Nietzsche-Foucault-Blanchot-Serres-Deleuze, por exemplo, não só leram como foram afetados por seu pensamento. Por ser identidade, tal luta não cria linhas de fuga.



# A anatomia de uma ruptura

Divulgação

Romance de estreia de Helena Duncan mergulha na mente de uma mulher diante do abismo existencial aos 50 anos

**A** estreia literária de Helena Duncan é marcada por coragem narrativa e profundidade emocional. Em “O Manual do Monstro”, lançado pela editora Interseção Design de Histórias, a jornalista dá voz a Laura, uma mulher prestes a completar 50 anos que, diante de uma descoberta devastadora, vê sua estrutura emocional desmoronar. Bem-sucedida e inserida num contexto social ainda pautado pelo machismo, ela tenta reconstruir sua própria história — no seu tempo, à sua maneira.

A trama convida o leitor a atravessar o labirinto mental da protagonista, em uma jornada íntima, instável e reveladora. É esse mergulho que a jornalista Ana Carolina Raimundi destaca na apresentação da obra: “Helena amarra o leitor num thriller psicanalítico que nos faz refletir sobre nossas próprias profundezas, sobre aquelas feiúras humanas que a gente sente, mas tem vergonha de admitir. Laura produz o seu próprio antídoto”.

O prefácio é assinado por outra jornalista, Bianca Ramoneda, que destaca a complexidade da composição literária de Helena. Segundo ela, a autora “traz para sua partitura um conjunto de elementos desafiantes para montar a polifonia de sua história”. Não por acaso, a música ocupa lugar de destaque na obra: há uma playlist com 23 canções que



**Helena Duncan constrói um thriller psicológico nas páginas de ‘Manual do Monstro’, que marca sua estreia na literatura**

Divulgação



acompanham a narrativa, com nomes como David Bowie, Gal Costa, Lenine, Caetano Veloso, The Smiths, Elizeth Cardoso, Chico Buarque e Zélia Duncan.

A capa, concebida por Sérgio Osório, arquiteto e designer, dialoga com o desconstrutivismo e o cubismo, reforçando o tema

da fragmentação da identidade e da ruptura com formas fixas de percepção. Essa estética traduz visualmente a experiência de Laura: diante do colapso, ela é forçada a reexaminar tudo o que a definia.

Nascida em Niterói e criada em Brasília, Helena Duncan carrega o espírito carioca em sua trajetória. Jornalista e empreendedora, é diretora de comunicação da Ímã Conexões com Propósito, empresa que fundou ao lado das irmãs Zélia Duncan e Ana Vitória Surreaux, com o intuito de aproximar marcas de causas sociais e construir legados com impacto positivo.

A Interseção Design de Histórias, editora independente criada por Andréa Samico, que aposta em narrativas literárias diversas, com foco em temas contemporâneos e em autores dispostos a provocar o pensamento e as emoções do leitor.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A sensação é de que tomei pó de pirlimpimpim e caí nalgum lugar do Japão. O mesmo achou Duda Barata, a talentosa atriz. A mudança fez bem ao Peixoto Sushi. Um ambiente intimista, com iluminação suave e um design que mistura a tradição oriental com a leveza contemporânea. O balcão, protagonista do salão, é quase um palco para os verdadeiros astros da casa: o chefe e sua equipe, que preparam com total eficiência os pratos que chegam à mesa.

Comecei com missoshiro, tradicional sopa de soja com cebolinha e tofu, pois a noite estava fresquinha. O caldo de peixe preparou nosso paladar e estômago para as delícias que vieram a seguir. Como os peixes são sempre frescos — mérito de Beni Schwartz, o proprietário, —, o Usuzukuri Barriga de Salmão, com 20 lâminas cortadas corretamente e molho ponzu, foi uma ótima abertura.

Os niguiris de vieiras com ikura — bolinho de arroz coberto com vieira e ovas de salmão (ikura), finalizados com azeite trufado, raspas de limão siciliano e flor de sal — são comidos com as mãos e encantam com seus sabores equilibrados. O Ebiten é um tipo de sushi que

CRÍTICA / RESTAURANTE / PEIXOTO SUSHI

## O mar para camarão e para peixe



Divulgação

*O tradicional e o contemporâneo estão presentes nas criações do Peixoto Sushi como o combinado premium*

apresenta camarões VM empanados e fritos, com assinatura da Peixaria Peixoto, cobertos por uma fina camada de salmão, além da leveza do azeite trufado, limão siciliano e flor de sal. Para completar, pedimos Gunkan de salmão com lichia — joys com cream cheese e lichia caramelizada, finalizados com raspas de limão siciliano. A mistura da crocância com o caramelo torna o prato especialíssimo. O Oishi, com seis lâminas dos melhores peixes do dia, foi uma grata surpresa. E o grand finale veio com o Uramaki Phila Avocado: enrolados de arroz recheados com salmão e cream cheese com lâminas de abacate fresco e crisp de batata-doce.

Todos os pedidos só demonstram que, no Peixoto Sushi, há um encontro perfeito entre o tradicional e o contemporâneo. Um lugar onde se respeita a tradição japonesa, mas com liberdade para inventar. A sobremesa (brownie com calda de doce de leite) foi a passagem de retorno ao Brasil.

### SERVIÇO

#### PEIXOTO SUSHI

Rua Dezenove de Fevereiro, 49  
- Botafogo | Segundas (12h às 16h), terça a sábado (12h às 23h) e domingos (12h às 22h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Clima espanhol

A Casa Milà lança novos petiscos espanhóis com toque carioca, como a Txistorra Carioca e o Pimiento Relleno de Bacalao. O restaurante aposta em pintxos criativos, como o Atún con Anchoa e o Bacalao con Oliva Negra. As espetadas ganham destaque com polvo e vieiras, enquanto os clássicos como a paella e a moquequina negra seguem no menu. Toda quinta, Walter Garin apresenta um novo drinque, que integra o cardápio no dia seguinte. Um brinde com drinks autorais acompanha esta viagem à Espanha sem sair do Rio.

RR Studio/Divulgação



Samanta Toledo/Divulgação



### Para o Dia do Pudim

De origem europeia, essa sobremesa se popularizou no Brasil e é uma das queridinhas ao redor do mundo. Estamos falando do pudim, essa iguaria da confeitaria que encanta o paladar dos brasileiros. Por ser tão amado, o doce ganhou um dia dedicado a ele: 22 de maio é celebrado como o Dia Nacional do Pudim. Para comemorar em grande estilo e com muito sabor, a chef Millena Sá, da Éclair Cafeteria e Bistrot do BarraShopping, realiza uma ação especial. O cliente que comprar uma refeição do bistrot ganha um mini pudim de caramelo salgado ou tradicional como sobremesa.

Nay Dias/Divulgação



### Petiscos com DNA

A Hocus Pocus DNA, reduto de cariocas e amantes de cervejas psicodélicas, apresenta novos sabores em sua atmosfera descolada. Em sua carta, além das bebidas, petiscos autorais completam a experiência. Agora, lançou duas novidades criativas: a “Blue Drops” traz frango com gorgonzola empanado na panko, perfeita para os carnívoros. Já os veganos se deliciam com o bolinho de falafel servido com maionese vegana de tahine. Referência no universo das cervejas artesanais, a Hocus Pocus combina criatividade e intensidade em cada rótulo.



# A história viva do nosso continente

Casa Eva Klabin  
exibe ao público  
práticas de  
restauro de  
cerâmicas pré-  
colombianas

Por Affonso Nunes

**A** Casa Museu Eva Klabin realiza mais uma edição do projeto Ateliê de Restauro, desta vez voltado à preservação de seu núcleo de cerâmicas pré-colombianas. Com entrada gratuita, a atividade pode ser visitada até 25 de maio.

A arte pré-colombiana abrange as expressões culturais visuais produzidas pelas civilizações das Américas antes da chegada dos europeus, no final do século XV. Uma produção vasta e diversificada que inclui cerâmicas, esculturas, têxteis, pinturas e objetos ritualísticos



*A arte pré-colombiana abrange as expressões culturais visuais produzidas pelas civilizações das Américas antes da chegada dos europeus, no final do século 15*

criados por povos como os maias, astecas, incas e diversas culturas andinas e mesoamericanas.

É uma arte profundamente conectada à religiosidade, à cosmologia e à organização social desses povos, um testemunho da comple-

xidade cultural, política e espiritual dos povos originários do nosso continente.

Sob coordenação da arqueóloga e restauradora Simone Mesquita, doutora em Artes Visuais pela UFRJ, o projeto oferece ao público

uma vivência imersiva no cotidiano das práticas de conservação. A proposta é aproximar os visitantes dos processos técnicos e metodológicos aplicados na restauração de peças milenares, reforçando o compromisso da instituição com a

valorização do patrimônio cultural.

O restauro de obras de arte é um processo técnico e criterioso que preserva a integridade física e estética de peças afetadas pelo tempo, uso ou fatores ambientais. O processo envolve a análise detalhada da obra, a identificação de danos e a aplicação de métodos específicos para estabilizar e recuperar seus elementos originais, respeitando sempre sua autenticidade histórica.

Além da visita ao ateliê em funcionamento, está programado para o sábado, dia 24, das 16h às 18h, um bate-papo com a restauradora e convidados no auditório da Casa Museu. Os ingressos devem ser retirados gratuitamente pelo site da instituição.

Com edições anteriores voltadas à restauração de pinturas dos séculos 17 e 18, sob a supervisão do professor Edson Motta Jr., o projeto agora se debruça sobre a riqueza arqueológica das cerâmicas pré-colombianas. A iniciativa se consolida como espaço de troca, formação de público e difusão de saberes ligados à preservação de acervos históricos.

## SERVIÇO

### ATELIÊ DE RESTAURO

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 – Lagoa)  
Até 25/5, de quarta a sábado (14h às 18h)  
Entrada franca